

Bons vizinhos? Africanos expressam elevados níveis de tolerância para muitos, mas não para todos

Afrobarómetro Edição Nº 74 | Boniface Dulani, Gift Sambo, e Kim Yi Dionne

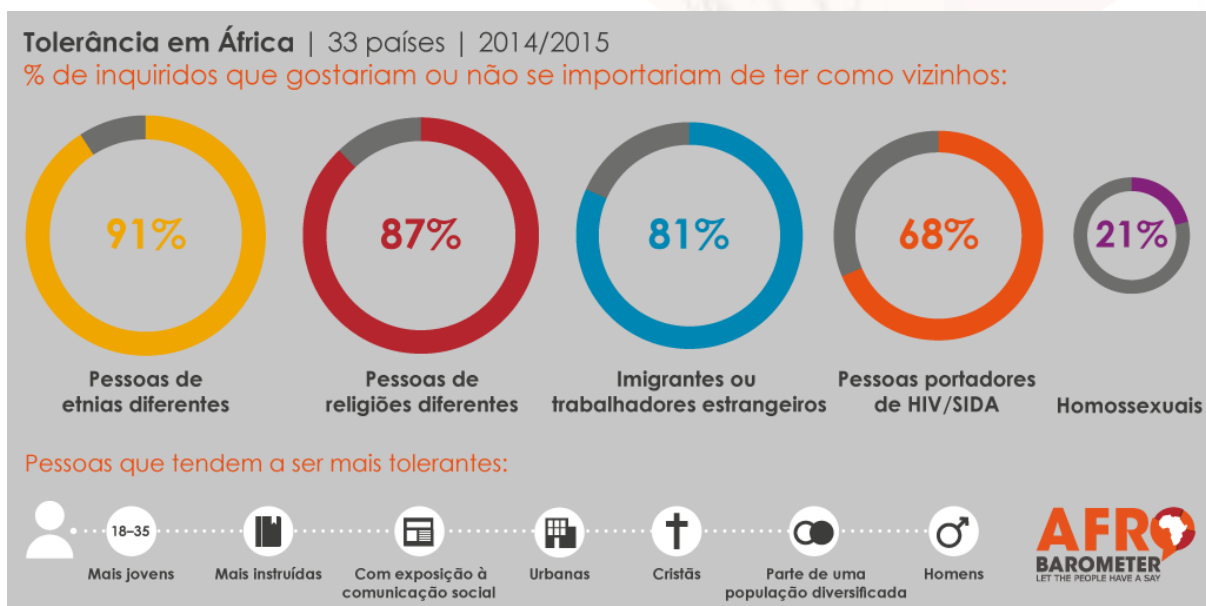
Resumo

Os académicos têm argumentado que a tolerância é "a endorfina do corpo político democrático," essencial para o livre intercâmbio político e cultural (Gibson & Gouws, 2005, p. 6). Seligson e Morino-Morales (2010, p. 37) reflectem esta opinião quando afirmam que uma democracia sem tolerância pelos membros de outros grupos é "fatalmente imperfeita."

Nesta edição, apresentamos novos dados sobre a tolerância em África provenientes da 6ª Ronda de inquéritos do Afrobarómetro, em 33 países, durante 2014/2015. Embora África seja frequentemente descrita como um continente de divisão e intolerância étnica e religiosa, as conclusões mostram elevados graus de aceitação para com pessoas de diferentes grupos étnicos, pessoas de diferentes religiões, imigrantes e pessoas vivendo com VIH/SIDA (PVVS). A proximidade e o contacto frequente com diferentes tipos de pessoas parecem aumentar a tolerância, conforme sugerido pelos níveis mais elevados de tolerância em países mais diversificados e uma forte correlação entre aceitação de PVVS e as taxas nacionais de prevalência de VIH/SIDA.

A principal excepção à elevada tolerância de África é a sua atitude fortemente negativa em relação aos homossexuais. No entanto, apesar do discurso sobre a homossexualidade ter frequentemente pintado África como uma caricatura da homofobia, os dados revelam que esta intolerância não é universal: Pelo menos metade dos cidadãos de quatro países Africanos dizem que não se importariam ou, gostariam de ter vizinhos homossexuais.

Um índice de tolerância baseado em cinco indicadores de tolerância menciona a educação, proximidade e exposição aos meios de comunicação social como os principais catalisadores do aumento da tolerância no continente Africano. Isto é consistente com a



literatura sobre socialização que sugere que as atitudes e os valores não são imutáveis. Eles podem ser aprendidos e desaprendidos.

Inquérito Afrobarómetro

O Afrobarómetro é uma rede de investigação pan-Africana, não-partidária que conduz inquéritos públicos de atitude sobre democracia, governação, condições económicas e assuntos relacionados em África. Foram efectuadas cinco rondas de inquéritos entre 1999 e 2013, e os resultados dos inquéritos da 6ª Ronda (2014/2015) estão a ser divulgados actualmente.

O Afrobarómetro efectua entrevistas presenciais num idioma da escolha do inquirido com amostras nacionais representativas, que produziram resultados ao nível nacional com uma

6ª Ronda do Afrobarómetro

Novos dados de toda a África

margem de erro de amostragem de +/-2% (para uma amostra de 2400 pessoas) ou +/-3% (para uma amostra de 1200) com um nível de confiança de 95%. As entrevistas da 6ª Ronda com cerca de 54000 cidadãos de 36 países representam as opiniões de mais de três-terços da população do continente.

Esta edição retira principalmente dados da 6ª Ronda de mais de 50000 entrevistas em 33 países (ver a Tabela A.1 do Anexo para uma lista dos países e datas dos inquéritos). As questões sobre a tolerância não foram feitas na Argélia, no Egipto e no Sudão porque os parceiros de investigação consideraram a questão sobre a intolerância aos homossexuais como sendo demasiado sensível. Os resultados apresentados nesta edição excluem, deste modo, esses três países do Norte de África.

Principais conclusões

- Entre os 33 países, grandes majorias dos cidadãos Africanos mostram uma elevada tolerância a pessoas de grupos étnicos diferentes (91%), a pessoas de religiões diferentes (87%), aos imigrantes (81%) e a pessoas portadoras de HIV/SIDA (68%).
- Os níveis de tolerância são particularmente elevados em regiões e países que são étnica e religiosamente diversos, sugerindo que a experiência é um factor importante para inculcar uma atitude de tolerância entre os cidadãos Africanos.
- Similarmente, a tolerância para com pessoas portadoras de HIV/SIDA é mais elevada em países com elevada prevalência do HIV/SIDA, fornecendo mais evidência que a intolerância e a estigmatização podem ser desaprendidas através de encontros pessoais.
- No entanto, a grande maioria dos cidadãos Africanos são intolerantes em relação aos cidadãos homossexuais. Entre os 33 países, uma média de 78% dos inquiridos dizem que "não gostariam nada" ou "não gostariam tanto" de terem um vizinho homossexual.
- Mas nem toda a África é homofóbica. A maioria em quatro países (Cabo Verde, África do Sul, Moçambique e Namíbia) e mais de quatro em cada 10 cidadãos em três outros países gostariam ou não se importariam de ter vizinhos homossexuais.

- Os Cristãos, os residentes urbanos e os cidadãos mais jovens tendem a ser mais tolerantes do que, respectivamente, os Muçulmanos, os residentes rurais e as pessoas mais velhas.

Medir a tolerância em África

A tolerância é medida habitualmente através de uma de três formas. A primeira é uma abordagem de "grupo fixo," na qual é pedido aos inquiridos que indiquem se os grupos na orla da política, identificados pelos investigadores, devem participar em actividades políticas (Stouffer, 1955). A segunda é a abordagem "menos gostado" proposta por Sullivan, Piereson e Marcus (1982). Esta técnica pede aos inquiridos que escolham, a partir de uma lista fornecida, os grupos de que menos gostam. Depois é perguntado aos inquiridos se tolerariam uma gama de actividades políticas por parte dos grupos de que não gostam. Num estudo de Peffley e Rohrschneider (2003), por exemplo, perguntaram aos inquiridos se os grupos de que não gostavam deviam exercer funções ou efectuar demonstrações.

Uma terceira técnica afastou-se da limitação das questões a categorias que o inquirido não gosta. Ao invés, os inquiridos respondem a perguntas sobre a sua aprovação de políticas que limitassem as liberdades civis de todos os cidadãos (Gibson & Bingham, 1985).

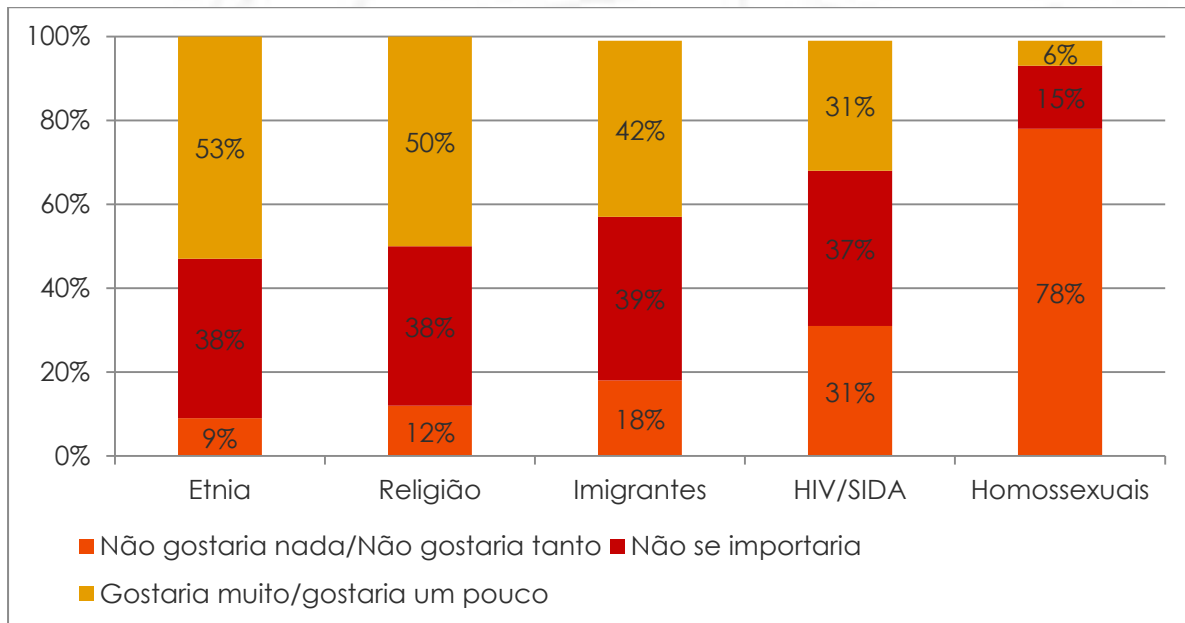
No contexto Africano, os dados de qualidade elevada que medem a tolerância à escala continental e de forma regular têm sido escassos. Isto apesar dos vastos debates sobre assuntos alojados dentro do contexto da tolerância, tais como o conflito étnico, a aceitação dos migrantes e, mais recentemente, os direitos das minorias sexuais. Escrevendo especificamente sobre a escassez de dados que meça a atitude pública para com as populações lésbicas, homossexuais, bissexuais, transgéneros e juventude questionável (LGBTQ), Dionne, Dulani e Chunga (2014) notam que os dados do contexto Africano são esporádicos e abrangem apenas alguns dos 54 países do continente.

Como contribuição para os muitos debates sobre os aspectos da tolerância, o módulo do Afrobarómetro pergunta aos inquiridos se eles gostariam, não gostariam ou seriam indiferentes a ter como vizinhos 1) pessoas de uma religião diferente, 2) pessoas de um grupo étnico diferente, 3) homossexuais, 4) pessoas portadores de HIV/SIDA, e 5) imigrantes ou trabalhadores estrangeiros. As opções de resposta são "não gostaria nada," "não gostaria tanto," "não se importaria," "gostaria um pouco," "gostaria muito" e "não sabe." Esta abordagem ao estudo da tolerância assemelha-se mais à abordagem "menos gostado."

O estado da tolerância em África

Uma narrativa comum de África é que a maior parte dos cidadãos são intolerantes às pessoas diferentes - quer essa diferença seja baseada na etnia, religião, nacionalidade, filiação política ou orientação sexual. As respostas às diferentes perguntas do Afrobarómetro sobre tolerância sugerem que esta generalização é incorrecta. Ao invés, maiorias nos 33 países dizem que gostariam ou não se importariam de viver próximo de pessoas de quatro das cinco categorias: alguém de uma etnia diferente (91%), alguém com uma religião diferente (87%), um imigrante ou trabalhador estrangeiro (81%) e uma pessoa portadora de HIV/SIDA (68%). É apenas na questão da homossexualidade que uma maioria (78%) de Africanos mostra atitudes profundamente intolerantes (Imagem 1).

Imagem 1: Tolerância em África | 33 países | 2014/2015



Foi perguntado aos inquiridos: *Para cada um dos seguintes grupos de pessoas, por favor diga se gostaria, não gostaria ou não se importaria em ter estes grupos de pessoas como vizinhos: Pessoas de uma religião diferente? Pessoas de um grupo étnico diferente? Homossexuais? Pessoas com HIV/SIDA? Imigrantes ou trabalhadores estrangeiros? (% que dizem "Gostaria um pouco," "Gostaria muito," ou "Não se importaria")*
 (Nota: Devido ao arredondamento, as categorias podem não somar sempre 100%.)

Num continente que se tornou sinónimo de conflito étnico, é impressionante que o grupo mais tolerado – gostado ou tolerado como vizinhos por nove em cada 10 inquiridos – sejam as pessoas de uma etnia diferente. Embora isto não implique o final dos conflitos étnicos, sugere que décadas de interacção próxima e inter-casamentos podem estar a ajudar gradualmente a diluir o poder da etnia como uma fonte de divisão e conflitos.

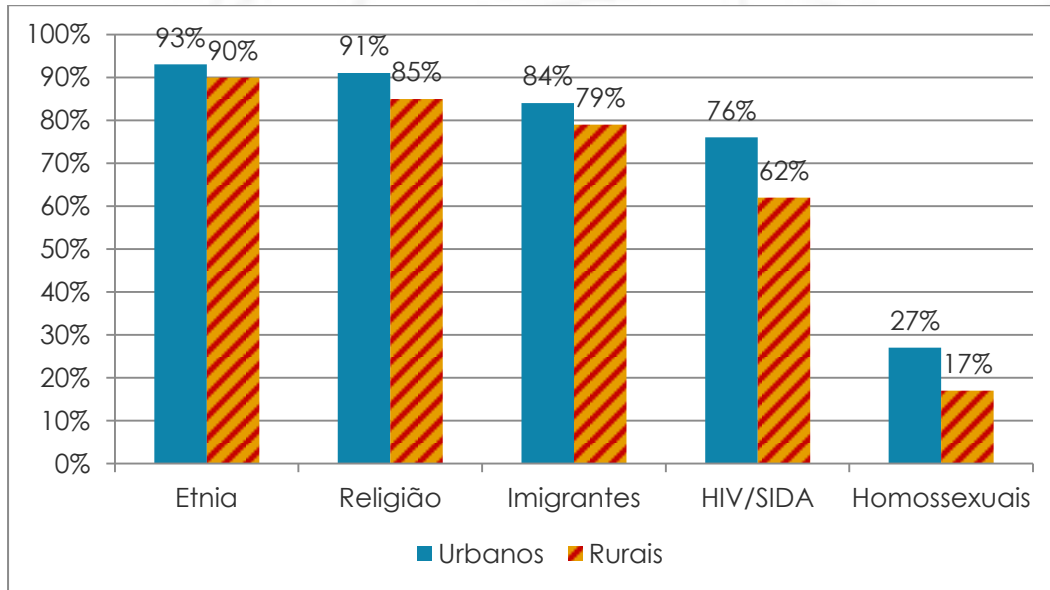
Apenas ligeiramente mais inquiridos se opõem a viver próximo de pessoas de uma religião diferente ou próximo de imigrantes. Ambos são aceites por mais de oito em 10 Africanos. Consideravelmente menos cidadãos – embora ainda uma maioria de dois-terços – gostaria ou aceitaria ter vizinhos portadores de HIV/SIDA, o que sugere que ainda existe um nível significativo de estigma ligado à epidemia do HIV/SIDA em algumas partes do continente.

No extremo negativo, o cidadão médio nos 33 países opõe-se a ter vizinhos homossexuais. Talvez isto não seja surpreendente, dado que quase uma maioria dos países do continente criminaliza as actividades homossexuais. Apenas cerca de um em cada cinco inquiridos (21%) diz que não se oporia a ter homossexuais como vizinhos. (Para frequências de resposta detalhadas, consulte as Tabelas A.2-A.6 do Anexo.)

Os dados mostram diferenças acentuadas na tolerância entre os Africanos urbanos e rurais, com os primeiros a mostrarem graus mais elevados de tolerância em todas as cinco medidas (Imagem 2).

É obtida uma imagem similar através da comparação das respostas por género, nível de ensino e religião. Nas cinco questões, os homens têm mais probabilidade do que as mulheres, os mais instruídos mais probabilidade do que os menos instruídos e os Cristãos mais probabilidade do que os Muçulmanos para expressar tolerância. Isto sugere que os valores da sociedade estão a contribuir para alimentar os valores da tolerância entre os cidadãos Africanos.

Imagem 2: Diferenças urbanas-rurais nos níveis de tolerância | 33 países | 2014/2015

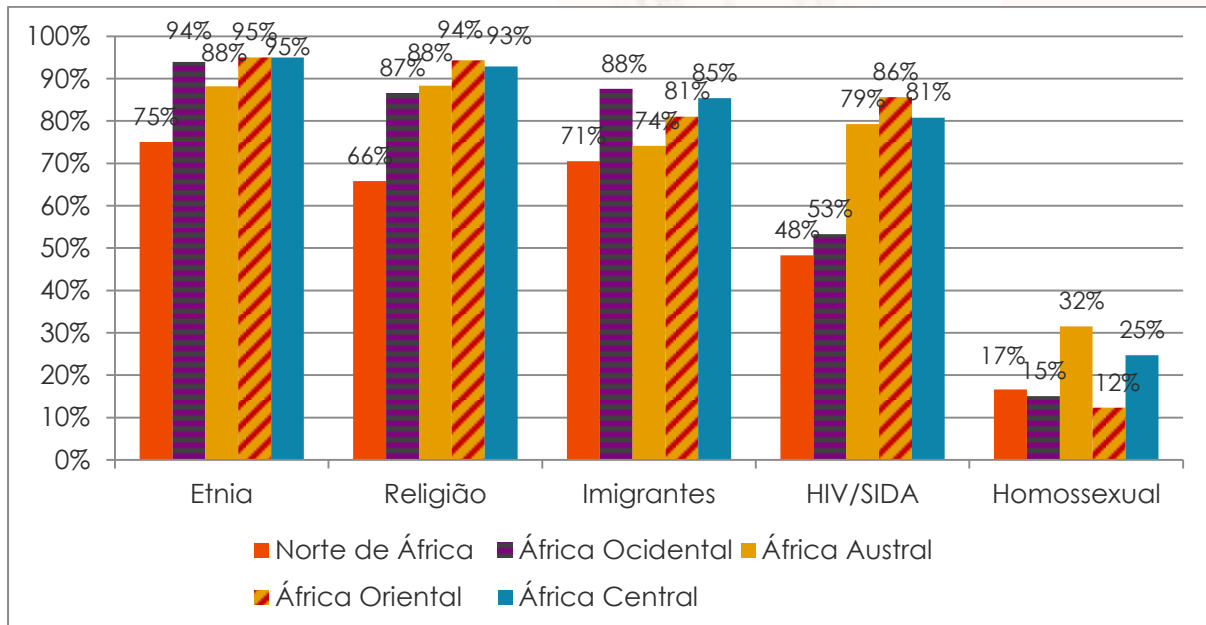


(% de inquiridos que dizem que "gostaria muito," "gostaria um pouco" ou "não se importaria" se vivessem próximo de pessoas de um grupo étnico ou uma religião diferente, homossexuais, PVVS ou imigrantes)

Diferenças nacionais e regionais na tolerância

Os níveis de tolerância nos cinco pontos mostram diferenças notáveis por país e região. Em geral, os países do Norte de África mostram a menor tolerância em todos os indicadores excepto aos homossexuais, onde a região está classificada acima da África Ocidental e Oriental (Imagem 3).

Imagem 3: Níveis de tolerância por região | 33 países | 2014/2015



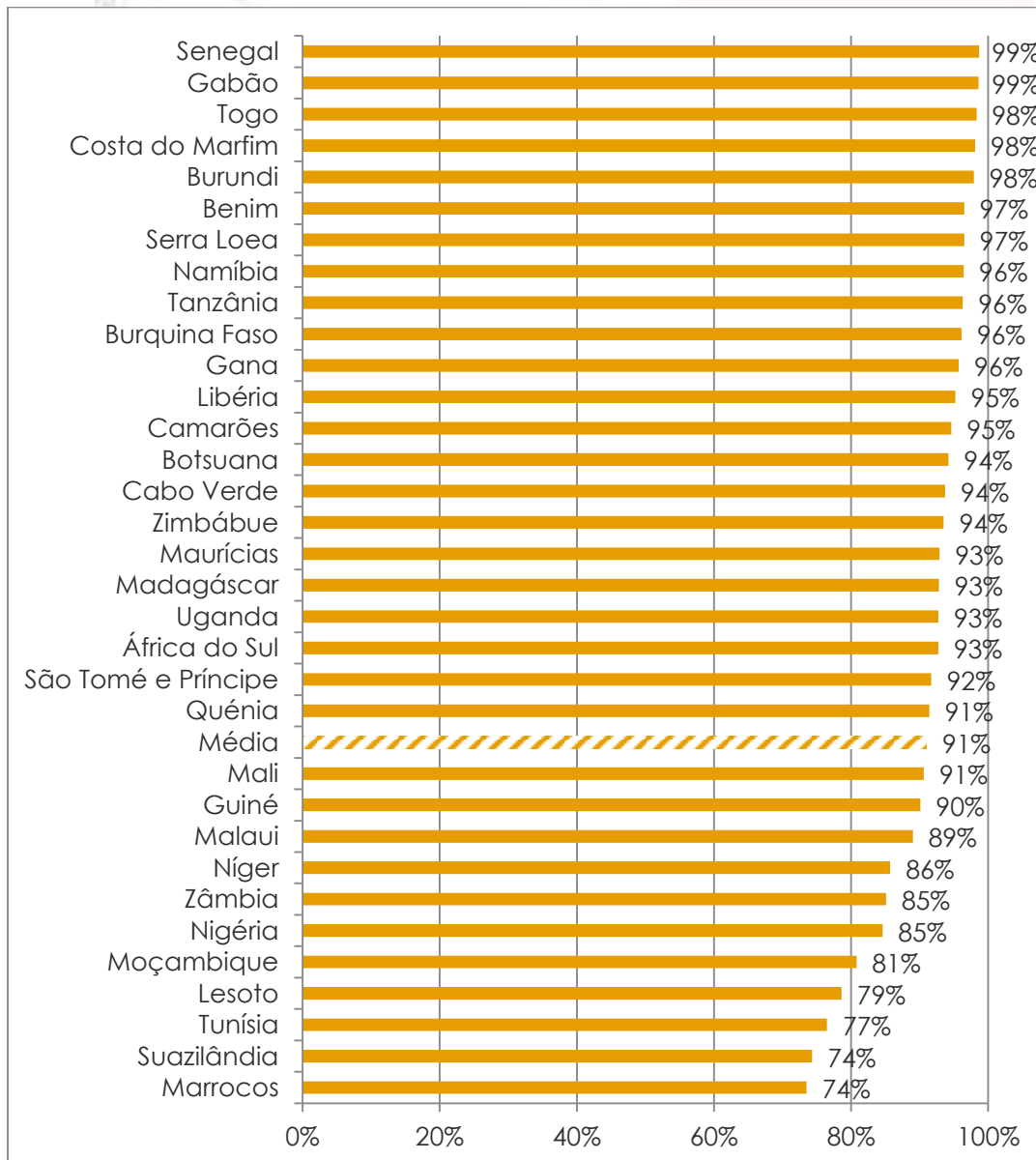
(% de inquiridos que dizem que "gostaria muito," "gostaria um pouco" ou "não se importaria" se vivessem próximo de pessoas de um grupo étnico ou uma religião diferente, homossexuais, PVVS ou imigrantes)

As diferenças ao nível dos países sugerem que a proximidade e o contacto frequente entre diferentes grupos pode contribuir para a tolerância. Isto indica um aspecto importante que é frequentemente negligenciado na literatura: A tolerância, e a sua contraparte, a intolerância, não são fixas mas estão sujeitas à mudança. Isto é amplamente consistente com a "teoria do contacto" de Allport (1954), que pressupõe que sob certas condições, o contacto interpessoal pode levar a uma redução do preconceito entre grupos.

Tolerância a pessoas de uma etnia diferente

O discurso sobre a política Africana destaca frequentemente a forma como o fraccionamento étnico contribui para a polarização política e os conflitos inter-étnicos. Estas rivalidades inter-étnicas ameaçam a consolidação democrática, minam os esforços de construção da nação, e impedem o desempenho económico (Posner, 2004; Branch

Imagem 4: Tolerância a pessoas de outras etnias | por país | 33 países | 2014/2015

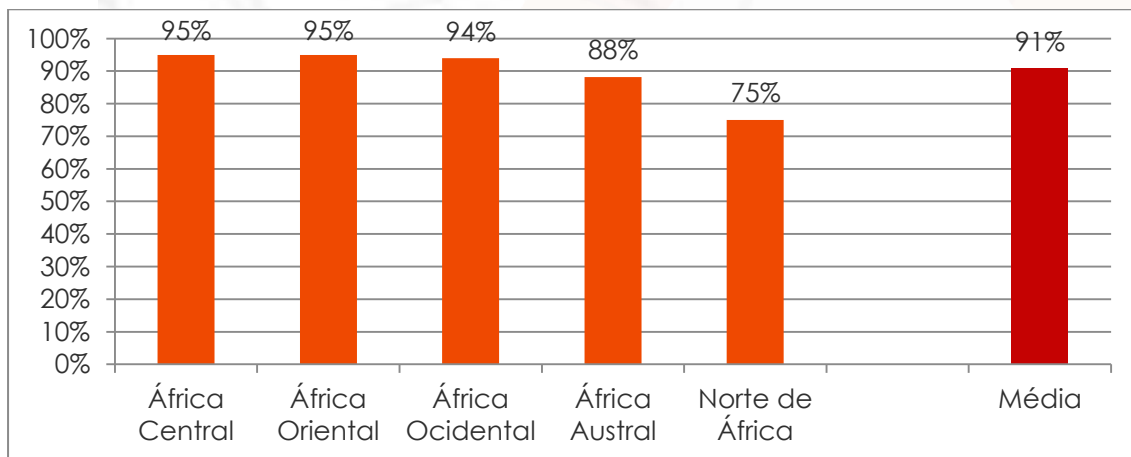


(% de inquiridos que dizem que "gostaria muito," "gostaria um pouco" ou "não se importaria" se vivessem próximo de pessoas de um grupo étnico diferente)

& Cheeseman, 2009; Bertocchi & Guerzoni, 2012; Jackson, 2002; Berman, 1998; Easterly & Levine, 1997; Goren, 2005; Bratton, 2011). Embora esta perspectiva sugira elevados níveis de tolerância a pessoas de grupos étnicos diferentes, as conclusões do Afrobarómetro mostram que este não é o caso. Ao invés, 91% dos inquiridos entre os 33 países dizem que não se importariam ou gostariam de ter como seus vizinhos pessoas de um grupo étnico diferente. A menor proporção de inquiridos que expressam tolerância por pessoas de grupos étnicos diferentes é 74% em Marrocos e na Suazilândia, enquanto quase todos os cidadãos do Senegal e do Gabão (99%) acolheriam ou aceitariam vizinhos de etnias diferentes (Imagem 4).

Tal como no caso da tolerância religiosa, os níveis de tolerância para os diferentes grupos étnicos são menores no Norte de África do que em outras regiões do continente (Imagem 5). O Norte de África também é a região mais etnicamente homogênea de África. Os níveis menores de tolerância ao pluralismo étnico nesta região poderá assim ser explicado pela limitada interação entre pessoas de origens étnicas diferentes. O contacto com grupos étnicos diferentes, por outras palavras, poderá estar a fomentar a tolerância ao pluralismo étnico em África, ajudando a minar as velhas barreiras que alimentaram anteriormente a intolerância étnica.

Imagem 5: Tolerância a pessoas de outras etnias | por região | 33 países | 2014/2015



(% de inquiridos que dizem que "gostaria muito," "gostaria um pouco" ou "não se importaria" se vivessem próximo de pessoas de um grupo étnico ou uma religião diferente, homossexuais, PVVS ou imigrantes)

Em consistência com as tendências mostradas acima, as pessoas mais instruídas, a geração mais jovem e os moradores urbanos mostram atitudes mais tolerantes do que os menos instruídos, a geração mais velha e os residentes rurais.

Tolerância a pessoas de uma religião diferente

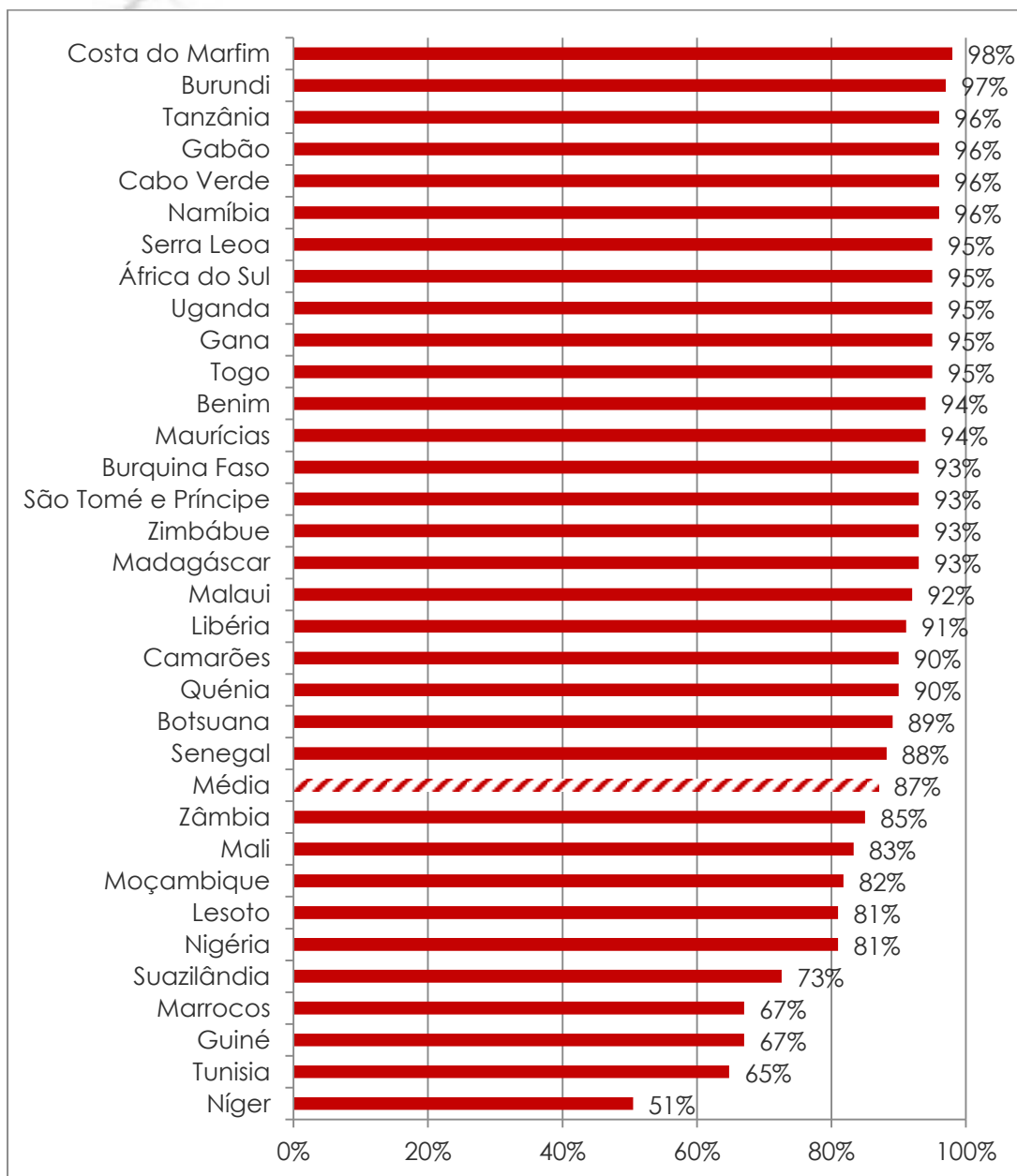
Entre os inquiridos da 6ª Ronda do Afrobarómetro, 55% identificam-se como Cristãos enquanto 32% se identificam como Muçulmanos. Dos 36 países inquiridos na 6ª Ronda, 25 têm uma maioria de população Cristã, 10 têm uma maioria de população Muçulmana e um (Maurícias) tem uma maioria Hindu. Embora a maioria dos países Africanos tenha uma religião dominante, muitos têm também um número considerável de cidadãos que pertencem a minorias religiosas.¹ Em metade dos 36 países inquiridos, pelo menos 10% da

¹ Um estudo recente concluiu que cinco dos 12 países com maior diversidade religiosa do mundo estão na África Sub-Saariana (Pew Research Center, 2014).

população pertence a um grupo religioso minoritário. Dentro deste contexto de pluralismo religioso, a tolerância a pessoas pertencentes a religiões diferentes é crucial para a harmonia social e para uma coexistência pacífica.

Embora quase nove em cada 10 Africanos (87%) expressem tolerância para com as pessoas pertencentes a religiões diferentes, os cidadãos na maioria dos países Muçulmanos, especialmente nos países com baixa diversidade religiosa, são relativamente menos tolerantes em terem vizinhos de religiões diferentes. Isto é particularmente verdadeiro para o Níger, Tunísia e Marrocos (todos com população 100% Muçulmana), assim como a Guiné (88% Muçulmana) (Imagem 6).

Imagem 6: Tolerância a pessoas de uma religião diferente | por país | 33 países
 | 2014/2015



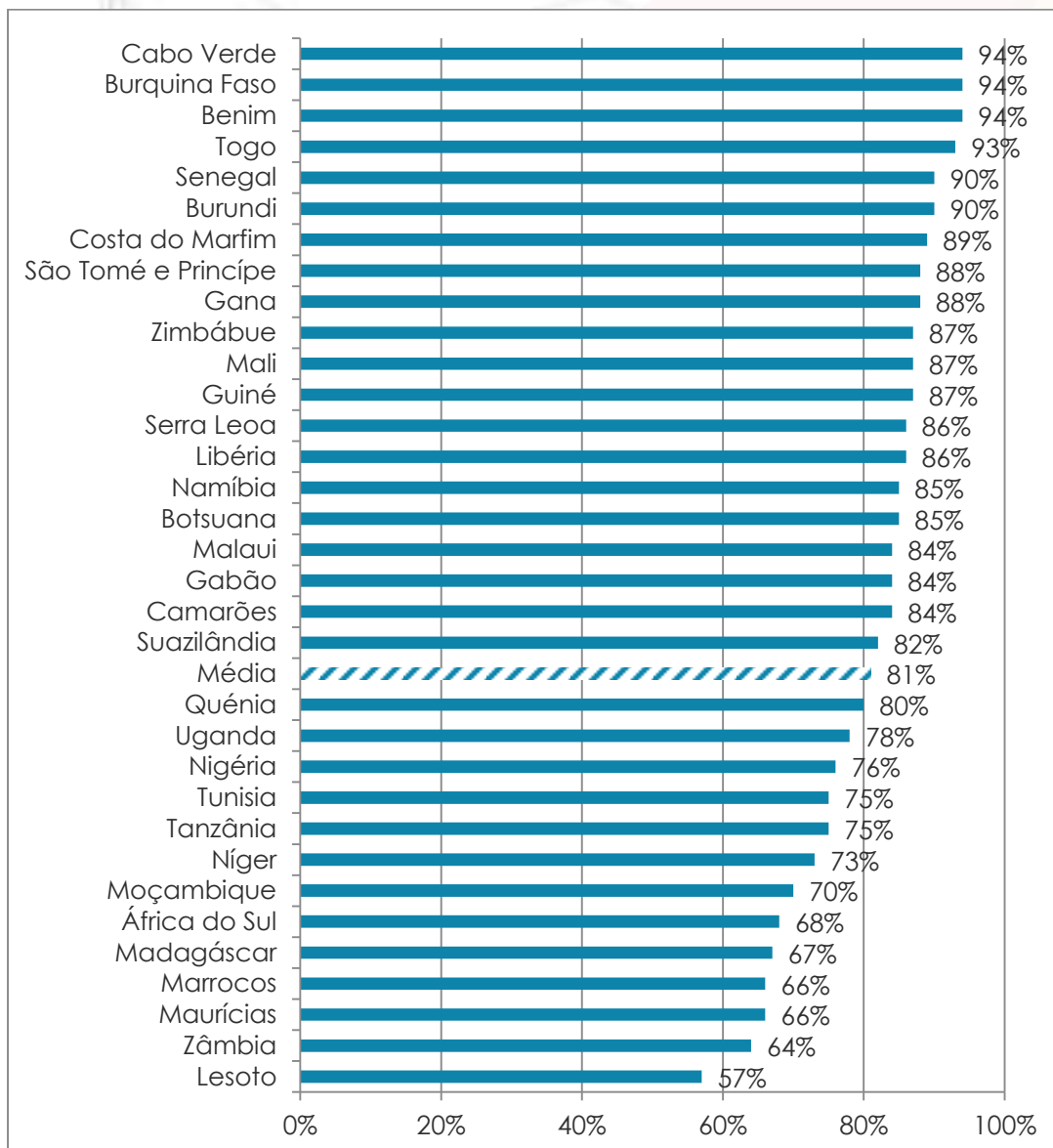
(% de inquiridos que dizem que "gostaria muito," "gostaria um pouco" ou "não se importaria" se vivessem próximo de pessoas de uma religião diferente)

Em contraste com os dois países do Norte de África onde esta questão foi colocada, que estão classificados no fundo da tolerância religiosa, a África Oriental é a região mais tolerante, com 94% dos cidadãos, em média, a aceitarem pessoas de religiões diferentes. De novo, os indivíduos mais instruídos e urbanos tendem a ser mais tolerantes com a diferença religiosa do que as pessoas com menos instrução e os residentes rurais.

Tolerância aos imigrantes

Embora muito poucos países Africanos tenham um saldo positivo de migrantes, as conclusões sugerem que existe um elevado nível de aceitação de imigrantes entre cidadãos no continente. Globalmente, 81% dos Africanos dizem que não gostariam ou não se importariam de ter vizinhos que sejam imigrantes ou trabalhadores estrangeiros (Imagem 7). Isto coloca os Africanos entre os mais tolerantes do mundo aos imigrantes. Por exemplo, na mais recente onda dos Inquéritos dos Valores Mundiais (2010-2014), mais de

Imagem 7: Tolerância para com os imigrantes | por país | 33 países | 2014/2015



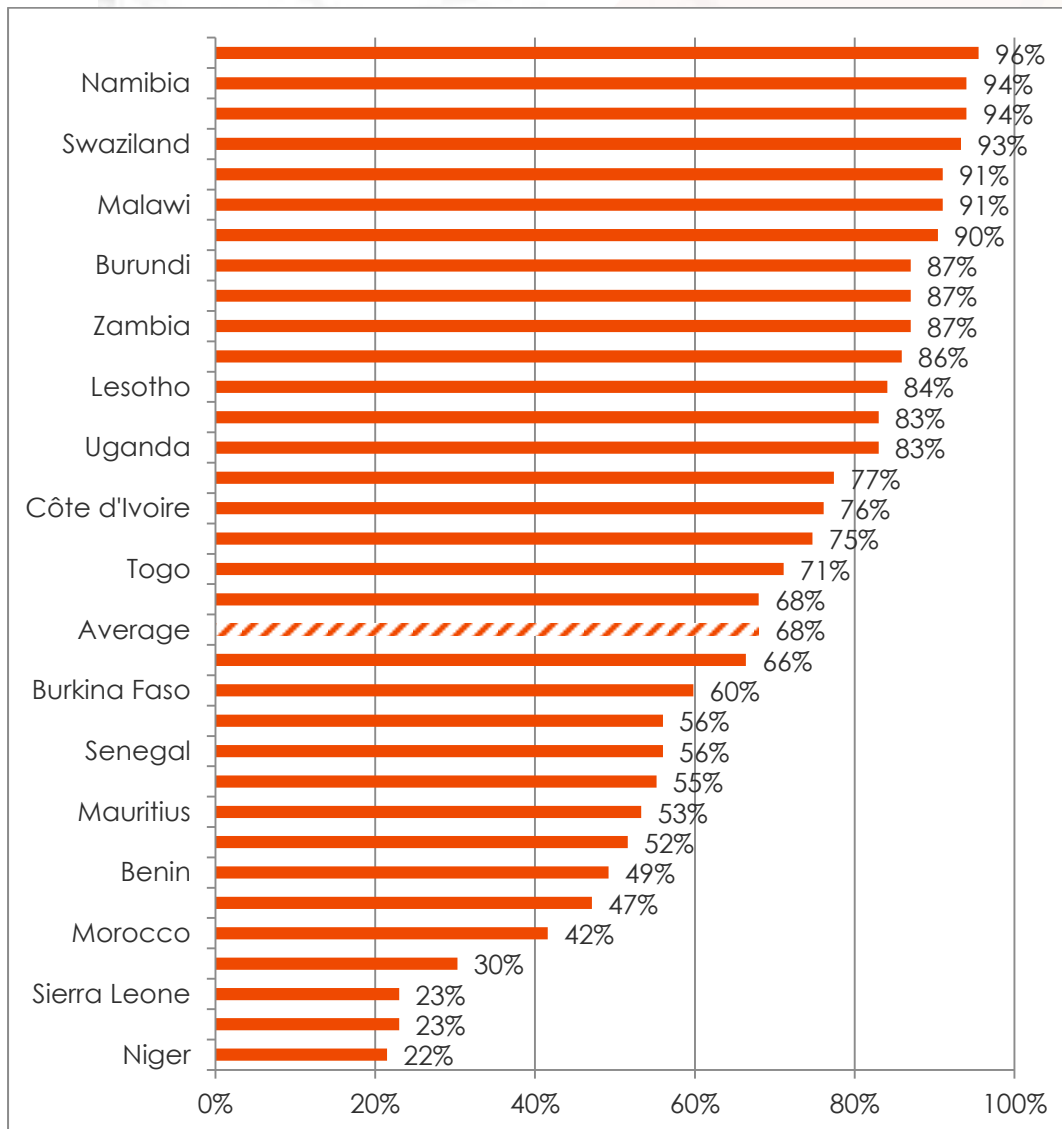
(% de inquiridos que dizem que "gostaria muito," "gostaria um pouco" ou "não se importaria" se vivessem próximo de imigrantes ou trabalhadores estrangeiros)

um terço dos habitantes do Médio Oriente (36%) e da Ásia (34%) expressaram oposição a ter vizinhos imigrantes, comparados com menos de um quinto dos Africanos. Apenas numa alguns de países Africanos minorias consideráveis expressam rejeição aos migrantes: Lesoto (42%), Zâmbia (35%), Maurícias (34%), Madagáscar (33%), Marrocos (33%), e África do Sul (32%). O caso do Lesoto é particularmente interessante, visto que uma grande proporção da mão-de-obra masculina do país está empregada como trabalhador migrante na vizinha África do Sul, e ainda assim mais do que quatro em cada 10 cidadãos não querem viver próximo de imigrantes. A África do Sul, que nos anos mais recentes viveu ataques xenófobos disseminados contra estrangeiros, ilustra as implicações violentas das atitudes anti-imigrantes (Chingwete, 2016).

Tolerância às pessoas portadoras de HIV/SIDA

A noção de que a proximidade e a interacção regular entre os diferentes grupos pode ajudar a quebrar as atitudes intolerantes está também reflectida nos níveis de tolerância

Imagem 8: Tolerância às pessoas portadoras de HIV/SIDA | por país | 33 países | 2014/2015



(% de inquiridos que dizem que "gostaria muito," "gostaria um pouco" ou "não se importaria" se vivessem próximo de PVVS)

para as pessoas seropositivas. Em 26 dos 33 países inquiridos, a maioria dos cidadãos diz que gostaria ou não se importaria de ter PVVS como seus vizinhos (Imagem 8).

Isto ainda deixa proporções substanciais da população (31% em média) que se oporiam a ter vizinhos seropositivos, uma indicação do poder relacionado com estigma do HIV. Além disso, quase oito em cada 10 inquiridos no Níger (79%) e Madagáscar (77%) expressam intolerância às PVVS, que é a também a opinião da maioria na Serra Leoa (73%), Guiné (69%), Marrocos (57%) e Mali (53%).

A tolerância às PVVS está fortemente correlacionada com a prevalência de HIV/SIDA ao nível do país.² De forma simples, os cidadãos nos países que têm uma prevalência elevada de HIV/SIDA tendem a exibir elevados níveis de tolerância às PVVS. Talvez isto não seja muito surpreendente, visto que entre países onde a prevalência de HIV/SIDA é muito elevada, especialmente na região da África Austral, a intolerância às PVVS poderá ser equivalente a rejeitar os membros próximos da família ou os amigos de uma pessoa. Embora a forte correlação entre tolerância e prevalência não implique causalidade, especulamos que a proximidade e a interacção frequente poderá ser importante para influenciar atitudes tolerantes para com as PVVS.

Tolerância com os homossexuais

As atitudes negativas de África em relação aos homossexuais estão documentadas na comunicação social e, em menor extensão, na literatura académica (Reddy, 2001, 2002; Potgieter, 2006). Os dados do inquérito do Afrobarómetro sugerem que esta narrativa seja verdadeira, visto que apenas 21% de todos os cidadãos dos 33 países dizem que gostariam ou que não se importariam de ter vizinhos homossexuais (Imagem 9).

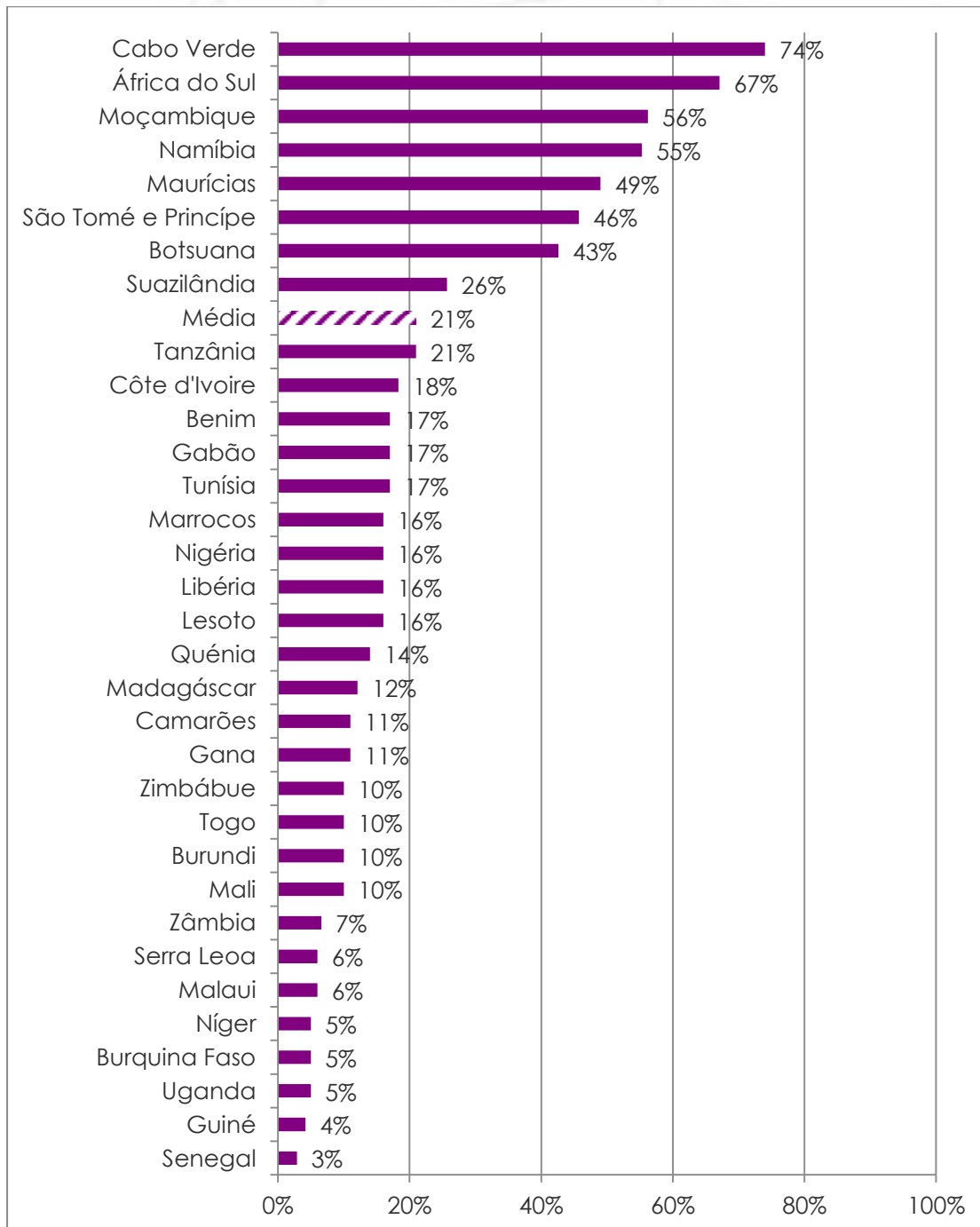
No entanto, existem diferenças importantes ao nível do país que podem ser negligenciadas nos números agregados. Em quatro países Africanos, uma maioria dos cidadãos expressa aceitação por vizinhos que são homossexuais: Cabo Verde (74% que gostariam muito / gostariam um pouco ou não se importariam), África do Sul (67%), Moçambique (56%), e Namíbia (55%). Em três outros países, mais de 40% dos cidadãos dizem que não se opõem a ter vizinhos homossexuais: Maurícias (49%), São Tomé e Príncipe (46%), e Botsuana (43%). A retratação de África como universalmente homofóbica não é assim suportada por estas conclusões.

Ainda assim, a intolerância para com os homossexuais permanece disseminada, chegando quase à unanimidade no Senegal (97%) assim como na Guiné, Uganda, Burquina Faso e Níger (todos 95%).

O caso de Moçambique oferece uma demonstração interessante de como a mudança política pode interagir com atitudes populares. Em 2014, Moçambique adoptou um novo código penal que despenaliza a homossexualidade (BBC News, 2015). Uma vez que não existem dados disponíveis sobre as atitudes dos Moçambicanos para com os homossexuais antes da despenalização, podemos debater se a aceitação relativamente elevada precipitou a despenalização ou se a reforma legal teve o benefício adicional de influenciar a mudança de atitude entre a maior parte dos cidadãos. Os dois países que expressam a maior tolerância para com os cidadãos homossexuais, Cabo Verde e África do Sul, também não penalizam a homossexualidade. No entanto, em alguns casos, os cidadãos comuns estão à frente da reforma legal ao adoptarem os direitos dos LGBT numa altura em que algumas práticas são ilegais nos seus países. Isto é verdadeiro na Namíbia e nas Maurícias, dois países com uma aceitação comparativamente elevada dos homossexuais apesar da legislação que criminaliza a homossexualidade.

² Pearson's $r=0.629$, $p<.001$

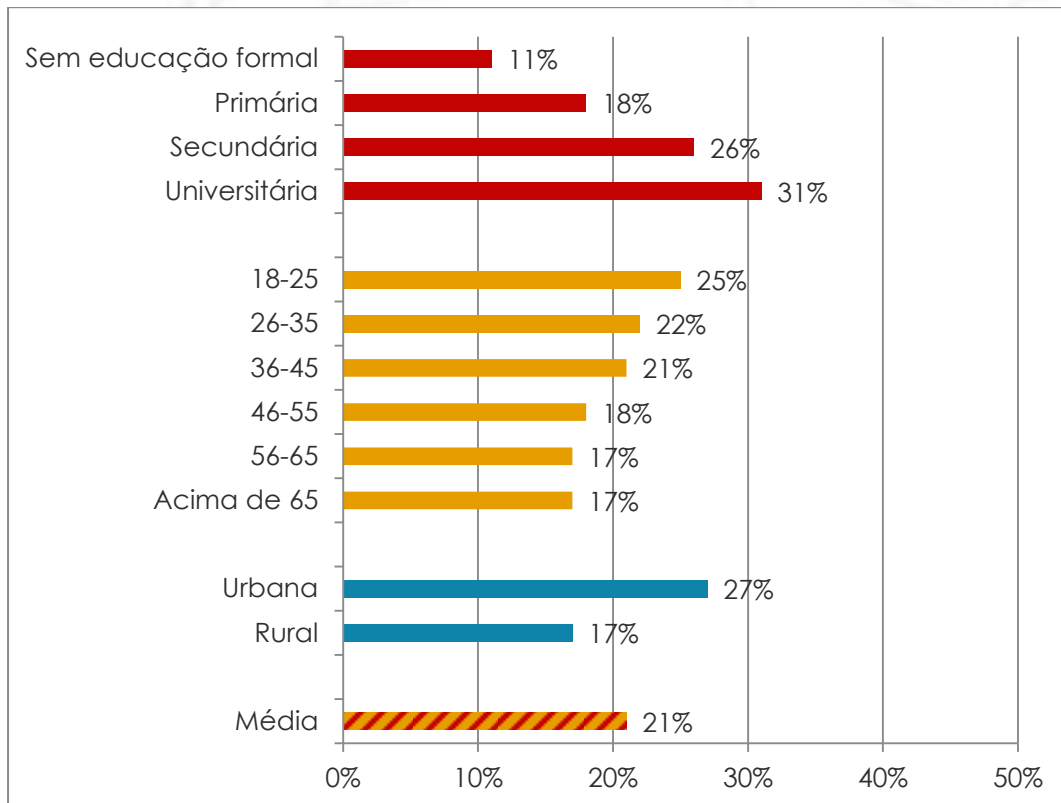
Imagem 9: Tolerância para com os homossexuais | por país | 33 países | 2014/2015



(% de inquiridos que dizem que "gostaria muito," "gostaria um pouco" ou "não se importaria" se vivessem próximo de homossexuais)

Os dados sugerem ainda uma importante ligação entre tolerância para com os homossexuais e a idade dos inquiridos e níveis de instrução. Os Africanos jovens e mais instruídos tendem a ser mais tolerantes para com os homossexuais do que os cidadãos Africanos mais velhos e menos instruídos (Imagem 10). Esta conclusão sugere que embora as actuais atitudes sejam em grande parte negativas, é possível que África se torne progressivamente menos homofóbica ao longo do tempo.

Imagem 10: Tolerância para com os homossexuais | por idade, nível de instrução, e residência urbana-rural | 33 países | 2014/2015



(% de inquiridos que dizem que “gostaria muito,” “gostaria um pouco” ou “não se importaria” se vivessem próximo de homossexuais)

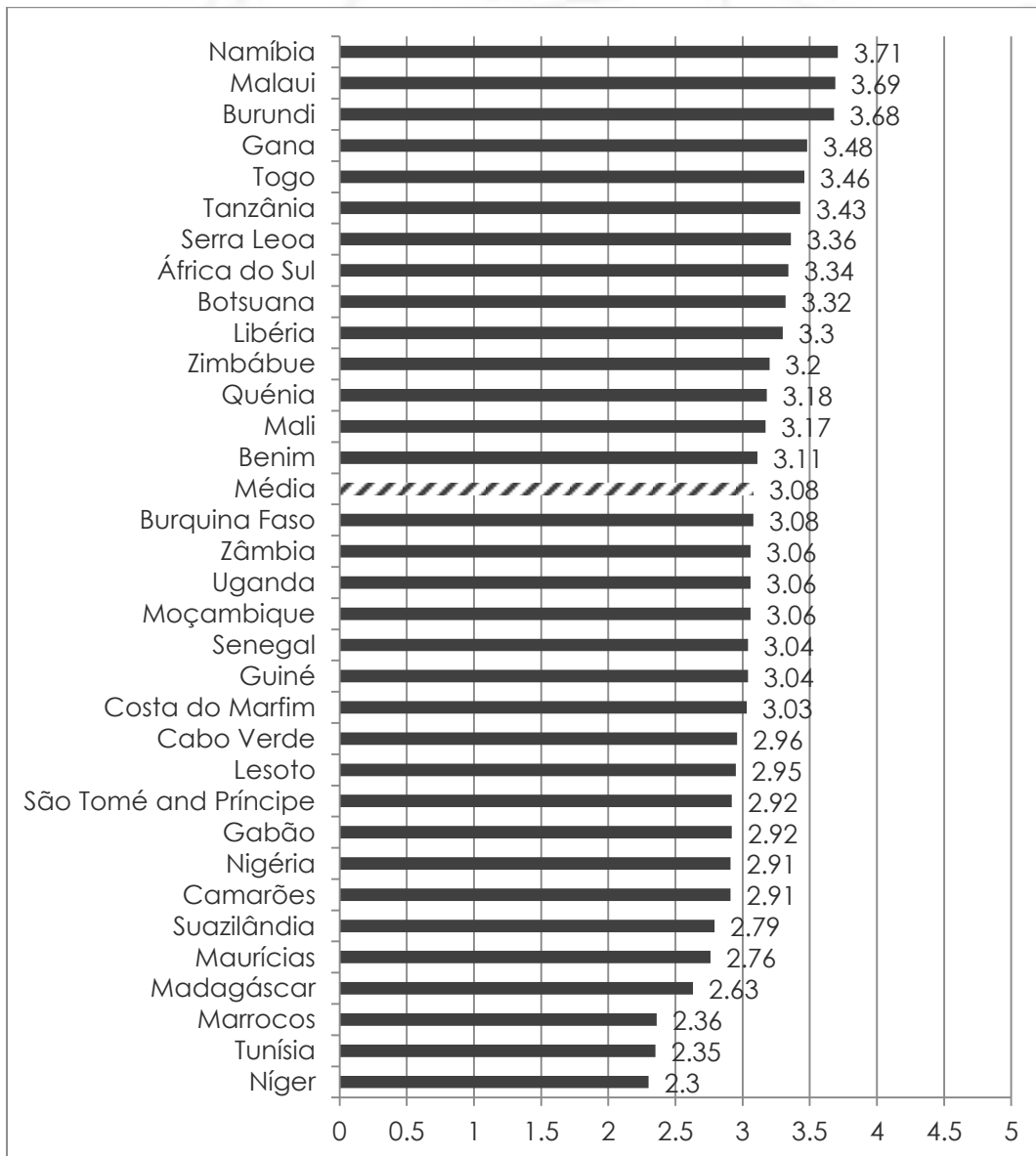
O índice da tolerância

As respostas à bateria de questões de tolerância no inquérito do Afrobarómetro podem ser combinadas para calcular os resultados médios para cada inquirido e para cada país de forma a gerar um índice de tolerância que captura níveis globais de tolerância através de elementos (etnia diferente, religião diferente, imigrantes, PVVS e homossexuais). Os resultados no índice de tolerância variam ao longo de uma escala de cinco pontos desde 1 (para um indivíduo completamente intolerante) até 5 (reflectindo uma atitude constantemente tolerante em todos os cinco elementos).

O resultado médio do índice de tolerância nos 33 países inquiridos em 2014/2015 é 3.08, o que sugere que o inquirido Africano médio tende a ser mais tolerante do que intolerante. No entanto, em consonância com as variações entre países na tolerância das diferentes categorias de pessoas, existem variações nacionais importantes ao redor da média (Imagem 11). Os países mais tolerantes no índice são a Namíbia (3.71), Malawi (3.69), e Burundi (3.68), enquanto os menos tolerantes são o Níger (2.30), Tunísia (2.35), e Marrocos (2.36).

Em geral, os países do Norte de África e África Central têm alguns dos resultados de tolerância mais baixos, enquanto as outras regiões estão representadas em todo o espectro.

Imagem 11: Índice de tolerância em África | 33 países | 2014/2015



A imagem mostra resultados médios por país juntamente com uma escala de cinco pontos para respostas nas cinco questões de tolerância (grupos étnicos diferentes, religiões diferentes, imigrantes, PVVS e homossexuais)

Factores de tolerância

Adicionalmente aos efeitos provavelmente positivos da proximidade e do contacto mencionados acima, a tolerância parece ser motivada, pelo menos em parte, por várias características sociodemográficas (Imagem 12). A educação, em particular, demonstra um efeito importante para inculcar uma cultura de tolerância. Globalmente, as pessoas que têm pelo menos o ensino secundário tendem a mostrar maior tolerância do que as menos instruídas. A geração mais jovem mostra maior tolerância do que os mais velhos.³

³ Para a educação: Pearson's $r=0.83$, $p<0.001$; para idade: Pearson's $r=-0.34$, $p<0.001$.

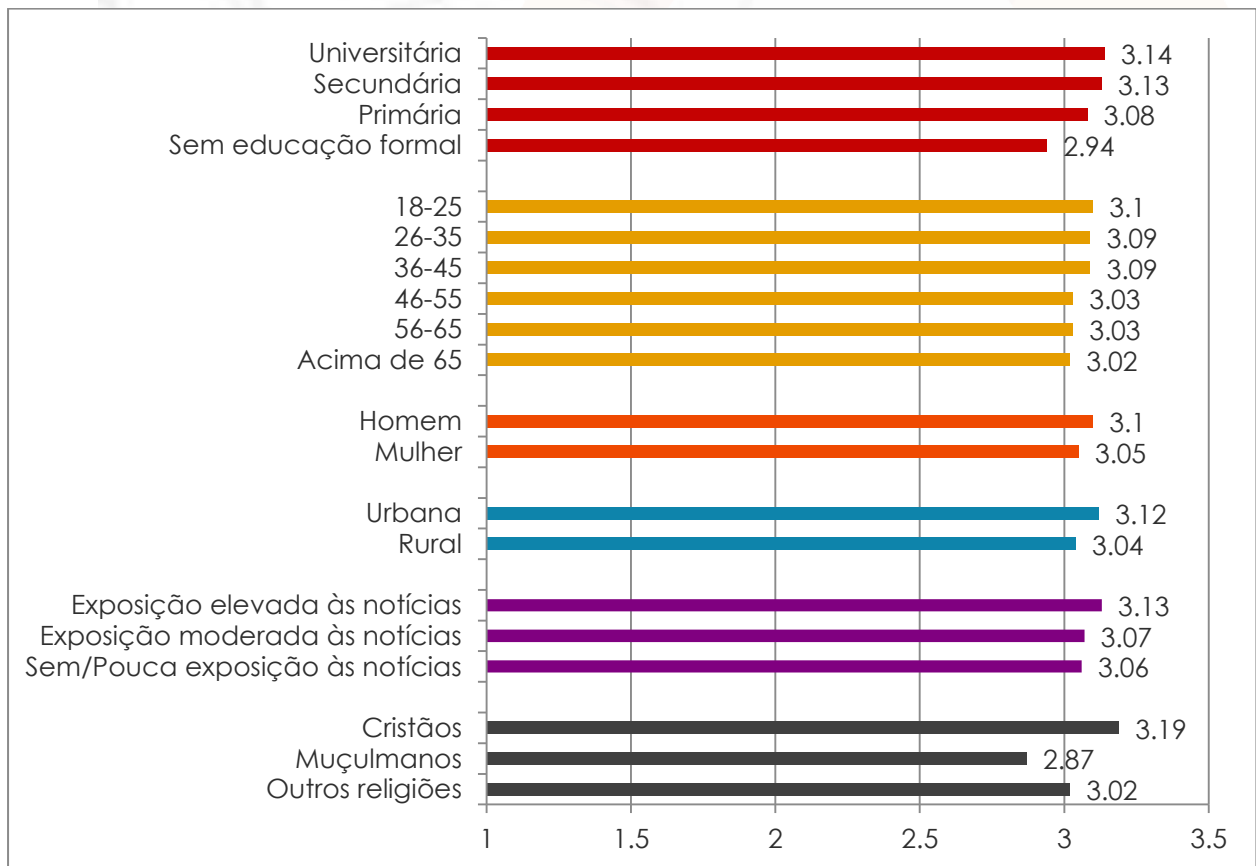
Similarmente, os homens e os residentes urbanos expressam níveis de tolerância maiores do que as mulheres e os residentes rurais.

Outra variável que mostra uma relação positiva, apesar de fraca, com a tolerância é a exposição aos meios de comunicação social.⁴ Em média, os cidadãos Africanos que são regularmente expostos a notícias através da rádio, televisão, jornais, Internet e redes sociais têm mais probabilidade de demonstrar atitudes tolerantes do que os que têm pouca ou nenhuma exposição à comunicação social.

Estas conclusões sugerem importantes lições políticas na demanda pela promoção de atitudes tolerantes no continente. Em primeiro lugar, o investimento na educação tem implicações na criação de uma população tolerante. Em segundo lugar, os meios de comunicação com vasta cobertura podem desempenhar um papel importante na promoção da tolerância entre os cidadãos Africanos.

A respeito da religião, as conclusões sugerem diferenças substanciais nas atitudes tolerantes entre Africanos que se identificam como Cristãos e aqueles que se identificam como Muçulmanos. Os resultados médios de tolerância para Cristãos (3.19) e Muçulmanos (2.87) reflectem uma diferença de 10% entre os dois principais grupos religiosos do continente.

Imagem 12: Factores de tolerância em África | 33 países | 2014/2015



A imagem mostra resultados médios por grupo sociodemográfico juntamente com uma escala de cinco pontos para respostas nas cinco questões de tolerância (grupos étnicos diferentes, religiões diferentes, imigrantes, PVVS e homossexuais)

⁴ Pearson's $r = -0.037$, $p < 0.001$. (A exposição à comunicação social é um indicador aditivo baseado na frequência com que os inquiridos recebem notícias da rádio, televisão, jornais, Internet e redes sociais.)

Conclusão

Os Africanos expressam elevados níveis de tolerância para com pessoas de diferentes etnias, religiões e nacionalidades. Uma grande maioria também expressa tolerância para com pessoas portadoras de HIV/SIDA, embora o estigma relacionado com o HIV permaneça uma realidade na maioria dos países. Os Africanos são muito menos tolerantes com os homossexuais, embora mesmo sobre este assunto, as variações a nível dos países impeçam que o continente seja definido como uniformemente intolerante.

Embora os nossos dados não permitam ainda uma análise das tendências ao longo do tempo, as conclusões deste estudo dizem-nos que a tolerância em África não é uma constante. Em vez disso, pode ser alimentada e aprendida. Adicionalmente aos efeitos prováveis do contacto com pessoas de diferentes proveniências, a exposição à educação e às notícias são catalisadores de uma sociedade tolerante, à medida que indivíduos com maior educação e aqueles com maior exposição à comunicação social tendem a adoptar atitudes mais tolerantes. O facto dos cidadãos mais jovens serem mais tolerantes que os mais velhos também é um bom presságio para um futuro cada vez mais tolerante em África.

Faça a sua própria análise dos dados do Afrobarómetro – sobre qualquer questão, para qualquer país e ronda de inquéritos. É fácil e grátis em www.afrobarometer.org/online-data-analysis.

Referências

- BBC News. (2015). Mozambique decriminalises gay and lesbian relationships. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-33342963>.
- Berman, B. (1998). Ethnicity, patronage and the African state: The politics of uncivil nationalism. *African Affairs*, 97(388), 305-341.
- Bertocchi, G., & Guerzoni, A. (2012). Growth, history, or institutions: What explains state fragility in sub-Saharan Africa. *Journal of Peace Research*, 49(6), 769-783.
- Branch, D., & Cheeseman, N. (2009). Democratisation sequencing and state failure in Africa: Lessons from Kenya. *African Affairs*, 108(340), 1-26.
- Bratton, M. (1989). Beyond the state: Civil society and associational life in Africa. *World Politics*, 41(3), 407-430.
- Chingwete, A. (2016). Immigration remains a challenge for South Africa's government and citizens. Afrobarometer Dispatch No. 72. Disponível em <http://afrobarometer.org/publications/ad72-immigration-remains-challenge-for-south-africas-government-and-citizens>.
- Dionne, K., Dulani, B., & Chunga, J. (2014). Attitudes toward homosexuality in sub-Saharan Africa, 1982-2012. Documento de investigação não publicado.
- Easterly, W., & Levine, R. (1997). Africa's growth tragedy: Policies and ethnic divisions. *Quarterly Journal of Economics*, 112(4), 1203-1250.
- Gibson, J., & Gouws, A. (2005). *Overcoming intolerance in South Africa: Experiments in democratic persuasion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibson, J., & Bingham, R. (1985). *Civil liberties and nazis: The Stokie free speech controversy*. New York: Praeger.
- Goren, P. (2005). Party identification and core political values. *American Journal of Political Science*, 49(4), 849-863.
- Jackson, R. (2002). Violent internal conflict and the African state: Towards a framework for analysis. *Journal of Contemporary African Studies*, 20(1), 29-52.
- Peffley, M., & Rohrschneider, R. (2003). Democratization and political tolerance in seventeen countries: A multi-level model of democratic learning. *Political Research Quarterly*, 56(3), 243-257.
- Pew Research Center. (2014). Global religious diversity. Disponível em <http://www.pewforum.org/2014/04/04/global-religious-diversity/>.
- Posner, D. (2004). Measuring ethnic fractionalization in Africa. *American Journal of Political Science*, 48(4), 849-863.
- Potgieter, C. (2006). The imagined future for gays and lesbians in South Africa: Is this it? *Africa Agenda: Empowering women for gender equity*, 20(67), 4-8.
- Reddy, V. (2001). Homophobia, human rights and gay and lesbian equality in Africa. *Africa Agenda: Empowering women for gender equity*, 16(50), 83-87.
- Reddy, V. (2002). Perverts and sodomites: Homophobia as hate speech in Africa. *Southern African Linguistics and Applied Language Studies*, 20, 163-175.
- Seligson, M., & Moreno-Morales, D. (2010). Gay in the Americas. *Americas Quarterly*, Winter 2010, 37-41.
- Stouffer, S. (1955). *Communism, conformity and civil liberties*. New York: Doubleday.

Sullivan, J., Piereson, J., & Marcus, G. (1982). *Political tolerance and American democracy*. Chicago: University of Chicago Press.

World Values Survey. (2010-2014). Disponível em <http://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV6.jsp>.

Anexo

Tabela A.1: Datas do trabalho de campo da 6ª Ronda do Afrobarómetro e rondas de inquérito anteriores

País	Meses em que o trabalho de campo da 6ª Ronda foi conduzido	Rondas de inquérito anteriores
Argélia	Maio - Junho de 2015	2013
Benim	Maio - Junho de 2014	2005, 2008, 2011
Botsuana	Junho - Julho de 2014	1999, 2003, 2005, 2008, 2012
Burquina Faso	Abril - Maio de 2015	2008, 2012
Burundi	Setembro - Outubro de 2014	2012
Camarões	Janeiro - Fevereiro de 2015	2013
Cabo Verde	Novembro - Dezembro de 2014	2002, 2005, 2008, 2011
Costa do Marfim	Agosto - Setembro de 2014	2013
Egipto	Junho - Julho de 2015	2013
Gabão	Setembro de 2015	N/D
Gana	Maio - Junho de 2014	1999, 2002, 2005, 2008, 2012
Guiné	Março - Abril de 2015	2013
Quênia	Novembro - Dezembro de 2014	2003, 2005, 2008, 2011
Lesoto	Maio de 2014	2000, 2003, 2005, 2008, 2012
Libéria	Maio de 2015	2008, 2012
Madagáscar	Dezembro 2015 - Janeiro 2015	2005, 2008, 2013
Malawi	Março - Abril 2014	1999, 2003, 2005, 2008, 2012
Mali	Dezembro de 2014	2001, 2002, 2005, 2008, 2013
Maurícias	Junho - Julho de 2014	2012
Marrocos	Novembro de 2015	2013
Moçambique	Junho - Agosto de 2015	2002, 2005, 2008, 2012
Namíbia	Agosto - Setembro de 2014	1999, 2003, 2006, 2008, 2012
Níger	Abril de 2015	2013
Nigéria	Dezembro de 2014 - Janeiro de 2015	2000, 2003, 2005, 2008, 2013
São Tomé e Príncipe	Julho - Agosto de 2015	N/D
Senegal	Novembro - Dezembro de 2014	2002, 2005, 2008, 2013
Serra Leoa	Maio - Junho de 2015	2012
África do Sul	Agosto - Setembro de 2015	2000, 2002, 2006, 2008, 2011

País	Meses em que o trabalho de campo da 6ª Ronda foi conduzido	Rondas de inquérito anteriores
Sudão	Junho de 2015	2013
Suazilândia	Abril de 2015	2013
Tanzânia	Agosto - Novembro de 2014	2001, 2003, 2005, 2008, 2012
Togo	Outubro de 2014	2012
Tunísia	Abril - Maio de 2015	2013
Uganda	Maio de 2015	2000, 2002, 2005, 2008, 2012
Zâmbia	Outubro de 2014	1999, 2003, 2005, 2009, 2013
Zimbábue	Novembro de 2014	1999, 2004, 2005, 2009, 2012

Tabela A.2: Tolerância às pessoas de uma etnia diferente | 33 países | 2014/2015

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Argélia	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Benim	1%	3%	38%	14%	45%	0%
Botsuana	3%	3%	46%	19%	29%	0%
Burquina Faso	2%	2%	39%	11%	46%	0%
Burundi	1%	1%	14%	12%	72%	0%
Camarões	2%	3%	52%	18%	25%	0%
Cabo Verde	3%	3%	81%	7%	6%	1%
Costa do Marfim	1%	1%	53%	16%	29%	0%
Egipto	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Gabão	0%	1%	63%	19%	17%	0%
Gana	3%	2%	15%	15%	66%	0%
Guiné	7%	3%	9%	11%	70%	0%
Quênia	3%	5%	33%	20%	38%	0%
Lesoto	14%	7%	35%	11%	32%	1%
Libéria	2%	3%	15%	38%	42%	1%
Madagáscar	1%	6%	54%	24%	16%	0%
Malawi	5%	6%	6%	17%	66%	0%
Mali	4%	6%	19%	13%	59%	0%
Maurícias	1%	6%	68%	18%	7%	0%

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Marrocos	12%	14%	63%	7%	3%	1%
Moçambique	5%	11%	44%	16%	22%	4%
Namíbia	1%	2%	30%	19%	47%	0%
Níger	9%	5%	43%	16%	27%	0%
Nigéria	6%	8%	28%	31%	26%	1%
São Tomé e Príncipe	4%	3%	66%	12%	15%	1%
Senegal	0%	1%	37%	6%	56%	0%
Serra Leoa	2%	1%	3%	11%	82%	1%
África do Sul	3%	4%	44%	20%	29%	0%
Sudão	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Suazilândia	9%	17%	49%	20%	5%	0%
Tanzânia	2%	2%	23%	21%	52%	0%
Togo	1%	1%	22%	15%	61%	0%
Tunísia	21%	3%	63%	8%	6%	0%
Uganda	4%	4%	40%	17%	35%	0%
Zâmbia	8%	7%	28%	16%	41%	0%
Zimbábue	3%	4%	41%	19%	35%	0%
MÉDIA	4%	4%	38%	16%	37%	0%

Foi perguntado aos inquiridos: Para cada um dos tipos de pessoas seguintes, indique se gostaria, não gostaria, ou não se importaria de ter pessoas deste grupo como vizinhos: Pessoas de outros grupos étnicos?

Tabela A.3: Tolerância às pessoas de uma religião diferente | 33 países | 2014/2015

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Argélia	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Benim	2%	4%	38%	13%	43%	0%
Botsuana	5%	6%	45%	18%	26%	0%
Burquina Faso	4%	3%	40%	10%	44%	0%
Burundi	1%	2%	15%	11%	71%	0%
Camarões	4%	5%	51%	17%	22%	1%
Cabo Verde	2%	2%	82%	7%	7%	1%
Costa do Marfim	1%	1%	54%	14%	29%	0%

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Egipto	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Gabão	1%	3%	67%	17%	12%	0%
Gana	3%	2%	14%	14%	67%	0%
Guiné	27%	6%	8%	9%	50%	0%
Quênia	5%	6%	35%	17%	38%	0%
Lesoto	13%	5%	32%	10%	39%	1%
Libéria	3%	6%	13%	40%	38%	1%
Madagáscar	2%	5%	52%	26%	16%	0%
Malawi	3%	5%	7%	16%	70%	0%
Mali	10%	7%	22%	10%	52%	0%
Maurícias	1%	5%	68%	18%	7%	0%
Marrocos	15%	18%	57%	7%	3%	1%
Moçambique	7%	9%	43%	14%	24%	3%
Namíbia	1%	3%	30%	18%	48%	0%
Níger	37%	12%	35%	7%	9%	0%
Nigéria	7%	10%	28%	27%	26%	2%
São Tomé e Príncipe	4%	2%	67%	11%	16%	1%
Senegal	8%	4%	40%	6%	42%	0%
Serra Leoa	3%	1%	3%	7%	86%	1%
África do Sul	2%	3%	45%	19%	31%	0%
Sudão	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Suazilândia	11%	16%	50%	18%	5%	1%
Tanzânia	2%	2%	22%	20%	54%	0%
Togo	2%	3%	22%	15%	57%	0%
Tunísia	31%	4%	51%	7%	7%	0%
Uganda	3%	3%	42%	13%	40%	0%
Zâmbia	10%	5%	30%	14%	41%	0%
Zimbábue	2%	5%	40%	15%	38%	0%
MÉDIA	7%	5%	38%	15%	35%	0%

Foi perguntado aos inquiridos: Para cada um dos tipos de pessoas seguintes, indique se gostaria, não gostaria, ou não se importaria de ter pessoas deste grupo como vizinhos: Pessoas de uma religião diferente?

Tabela A.4: Tolerância para com os imigrantes/trabalhadores estrangeiros | 33
países | 2014/2015

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Argélia	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Benim	2%	4%	47%	17%	30%	0%
Botsuana	8%	7%	45%	17%	23%	0%
Burquina Faso	2%	4%	47%	15%	32%	
Burundi	6%	4%	20%	20%	50%	0%
Camarões	6%	8%	52%	19%	13%	2%
Cabo Verde	3%	3%	82%	6%	6%	1%
Costa do Marfim	7%	4%	56%	16%	16%	0%
Egipto	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Gabão	6%	10%	63%	16%	5%	
Gana	7%	5%	23%	19%	46%	1%
Guiné	9%	4%	9%	18%	60%	0%
Quênia	8%	11%	40%	20%	21%	1%
Lesoto	32%	11%	27%	9%	21%	1%
Libéria	5%	8%	17%	44%	26%	1%
Madagáscar	13%	20%	40%	17%	10%	0%
Malawi	9%	6%	8%	24%	53%	1%
Mali	6%	7%	23%	19%	45%	
Maurícias	10%	24%	59%	6%	1%	1%
Marrocos	14%	19%	56%	7%	3%	1%
Moçambique	13%	13%	35%	16%	19%	5%
Namíbia	6%	8%	30%	21%	35%	0%
Níger	19%	8%	47%	13%	13%	0%
Nigéria	11%	11%	32%	27%	17%	2%
São Tomé e Príncipe	8%	3%	66%	13%	9%	1%
Senegal	6%	4%	42%	15%	33%	0%
Serra Leoa	9%	3%	8%	16%	63%	2%
África do Sul	16%	16%	40%	13%	14%	0%
Sudão	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Suazilândia	5%	13%	58%	20%	5%	0%

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Tanzânia	12%	12%	25%	21%	29%	1%
Togo	3%	4%	22%	23%	48%	1%
Tunísia	21%	4%	60%	10%	5%	0%
Uganda	10%	11%	41%	19%	19%	1%
Zâmbia	21%	14%	29%	15%	20%	2%
Zimbábue	6%	7%	47%	17%	23%	0%
MÉDIA	10%	9%	39%	17%	25%	1%

Foi perguntado aos inquiridos: Para cada um dos tipos de pessoas seguintes, indique se gostaria, não gostaria, ou não se importaria de ter pessoas deste grupo como vizinhos: Imigrantes ou trabalhadores estrangeiros?

Tabela A.5: Tolerância às pessoas portadoras de HIV/SIDA | 33 países | 2014/2015

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Argélia	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Benim	34%	16%	27%	11%	12%	1%
Botsuana	2%	2%	48%	17%	31%	0%
Burquina Faso	26%	14%	38%	8%	14%	0%
Burundi	8%	5%	17%	16%	55%	0%
Camarões	12%	9%	53%	14%	11%	1%
Cabo Verde	10%	6%	79%	3%	2%	1%
Costa do Marfim	13%	10%	56%	12%	8%	0%
Egipto	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Gabão	5%	4%	61%	15%	15%	0%
Gana	23%	8%	20%	18%	31%	1%
Guiné	62%	7%	8%	7%	16%	0%
Quênia	7%	6%	47%	16%	24%	1%
Lesoto	10%	5%	39%	12%	33%	1%
Libéria	25%	17%	15%	30%	11%	2%
Madagáscar	49%	28%	18%	4%	0%	0%
Malawi	5%	4%	8%	18%	66%	0%
Mali	41%	12%	17%	9%	21%	0%
Maurícias	22%	24%	50%	3%	1%	1%
Marrocos	35%	22%	37%	3%	2%	2%

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Moçambique	20%	10%	46%	10%	10%	4%
Namíbia	2%	4%	32%	16%	46%	0%
Níger	69%	9%	17%	3%	1%	0%
Nigéria	29%	18%	26%	17%	9%	2%
São Tomé e Príncipe	17%	8%	64%	7%	4%	1%
Senegal	32%	12%	34%	9%	13%	1%
Serra Leoa	62%	11%	8%	5%	9%	4%
África do Sul	3%	6%	53%	15%	24%	0%
Sudão	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Suazilândia	3%	4%	64%	21%	8%	0%
Tanzânia	8%	5%	34%	18%	34%	1%
Togo	19%	10%	22%	20%	30%	0%
Tunísia	39%	5%	47%	5%	4%	0%
Uganda	9%	8%	51%	14%	18%	0%
Zâmbia	8%	4%	41%	13%	33%	1%
Zimbábue	2%	4%	50%	15%	29%	0%
MÉDIA	22%	10%	37%	12%	19%	1%

Foi perguntado aos inquiridos: Para cada um dos tipos de pessoas seguintes, indique se gostaria, não gostaria, ou não se importaria de ter pessoas deste grupo como vizinhos: Pessoas com VIH/SIDA?

Tabela A.6: Tolerância para com os homossexuais | 33 países | 2014/2015

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Argélia	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Benim	70%	10%	12%	2%	3%	3%
Botsuana	46%	10%	25%	8%	9%	1%
Burquina Faso	92%	3%	4%	0%	1%	0%
Burundi	82%	4%	5%	1%	4%	4%
Camarões	80%	5%	10%	1%	1%	3%
Cabo Verde	19%	6%	70%	2%	2%	1%
Costa do Marfim	74%	7%	15%	2%	1%	0%
Egipto	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D

País	Não gostaria nada	Não gostaria tanto	Não se importaria	Gostaria um pouco	Gostaria	Não sabe
Gabão	78%	5%	16%	1%	0%	0%
Gana	81%	8%	5%	3%	4%	1%
Guiné	94%	1%	2%	1%	2%	1%
Quênia	72%	12%	11%	2%	1%	2%
Lesoto	77%	5%	8%	2%	6%	2%
Libéria	70%	13%	5%	7%	4%	1%
Madagáscar	64%	24%	10%	2%	1%	0%
Malawi	89%	4%	1%	2%	3%	1%
Mali	87%	3%	4%	2%	4%	0%
Maurícias	24%	27%	45%	3%	1%	1%
Marrocos	57%	25%	14%	1%	1%	2%
Moçambique	24%	12%	39%	11%	6%	8%
Namíbia	29%	15%	29%	9%	17%	0%
Níger	91%	4%	5%	0%	0%	0%
Nigéria	72%	11%	9%	5%	2%	1%
São Tomé e Príncipe	42%	10%	39%	5%	2%	3%
Senegal	96%	1%	3%	0%	0%	0%
Serra Leoa	87%	3%	2%	1%	4%	4%
África do Sul	19%	13%	44%	11%	13%	1%
Sudão	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Suazilândia	57%	16%	21%	4%	1%	1%
Tanzânia	70%	7%	11%	5%	4%	2%
Togo	86%	3%	5%	2%	3%	1%
Tunísia	76%	7%	15%	1%	2%	0%
Uganda	90%	5%	3%	1%	1%	0%
Zâmbia	86%	6%	5%	1%	1%	1%
Zimbábue	83%	6%	9%	1%	1%	0%
MÉDIA	69%	9%	15%	3%	3%	1%

Foi perguntado aos inquiridos: Para cada um dos tipos de pessoas seguintes, indique se gostaria, não gostaria, ou não se importaria de ter pessoas deste grupo como vizinhos: Homossexuais?

Outras publicações globais da 6ª Ronda

- **Where to start? Aligning sustainable development goals with citizen priorities.**
Bentley, T., Olapade, M., Wambua, P., & Charron, N. (2015). Afrobarometer Dispatch No. 67. Disponível em http://afrobarometer.org/sites/default/files/publications/Dispatches/ab_r6_dispatchno67_african_priorities_en.pdf.
- **Building on progress: Infrastructure development still a major challenge in Africa.**
Mitullah, W. V., Samson, R., Wambua, P. M., & Balongo, S. (2016). Afrobarometer Dispatch No. 69. Disponível em www.afrobarometer.org/publications/ad69-building-progress-infrastructure-development-still-major-challenge-africa.
- **Africa's growth dividend? Lived poverty drops across much of the continent.**
Mattes, R., Dulani, B., & Gyimah-Boadi, E. (2016). Afrobarometer Policy Paper No. 29. Disponível <http://www.afrobarometer.org/publications/pp29-africas-growth-dividend-lived-poverty-drops-across-the-continent>.

Boniface Dulani é palestrante senior no Departamento de Estudos Políticos e Administrativos na Universidade do Malawi e gestor operacional para o trabalho de campo do Afrobarometer (África austral e francófona). Email: bdulani@afrobarometer.org.

Giff Sambo é associado de investigação no Instituto de Opinião Pública e Investigação em Zomba, Malawi. Email: sambogiff@gmail.com.

Kim Yi Dionne é Five College Professor Assistente de Governo no Smith College, Northampton, Massachusetts, Estados Unidos. Email: kdionne@smith.edu.

Afrobarometer é produzido colaborativamente por cientistas sociais de mais de 30 países Africanos. A coordenação é fornecida pelo Centro para o Desenvolvimento Democrático (CDD) no Gana, o Instituto para a Justiça e Reconciliação (IJR) na África do Sul, o Instituto para a Investigação Empírica em Economia Política (IREEP) no Benim. A Universidade Estadual do Michigan (MSU) e a Universidade de Cape Town (UCT) fornecem apoio técnico à rede.

O apoio central à 5ª e 6ª Rondas do Afrobarometer foi fornecido pelo Departamento do Reino Unido para o Desenvolvimento Internacional (DFID), a Fundação Mo Ibrahim, a Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional (SIDA), a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), e pelo Banco Mundial.

Para mais informações, visite www.afrobarometer.org.

Siga os nossos lançamentos globais da 6ª Ronda em #VoicesAfrica.

Infográfico concebido por Soapbox, www.soapbox.co.uk

Afrobarómetro Edição N° 74 | 1 de Março de 2016